

A EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL E A RELEVÂNCIA DE SEU ESTUDO DURANTE A FORMAÇÃO MÉDICA

ODS 3

Lucas Mandaloufas Damasceno
(Universidade de Taubaté)
Profa. Dra. Joana Darc Freitas Alves (Universidade de Taubaté)

O Instituto de Infectologia Emílio Ribas (São Paulo, SP) se consolidou como um centro de referência nacional no tratamento do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e de seu estágio avançado: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), tanto no quesito de assistência, quanto na área de pesquisas e estruturação de protocolos de tratamento. Esse hospital torna-se extremamente relevante ao passo que o estado de São Paulo é o estado brasileiro com maior número absoluto de casos de AIDS, acumulando mais de 300 mil notificados, segundo a Secretaria de Saúde do estado. Na capital paulista, a doença já liderou a causa de morte de homens de 20 a 49 anos nos anos de 1990. Atualmente a mortalidade diminuiu drasticamente em decorrência ao acesso gratuito via SUS à terapias antirretrovirais, mas o número de novas infecções ainda segue estável ou crescente em populações jovens e vulneráveis. O HIV ainda é uma epidemia no Brasil, por isso é crucial que durante a formação médica o aluno tenha contato satisfatório com o tema e sua prevenção. O objetivo central deste texto é enfatizar como o conhecimento sobre HIV/AIDS é crucial para todo e qualquer médico devido a recorrência e repercussões do quadro, evidenciando a necessidade de inserir o acadêmico em atividades que o coloque em contato com a doença e seu manejo. A Universidade de Taubaté (UNITAU) possui a concessão de estágio curricular obrigatório com o Hospital Emílio Ribas, possibilitando que seus acadêmicos do 5º ano tenham vivência ativa com os mais diversos diagnósticos de HIV/AIDS, inclusive graves e atípicos. O presente artigo estrutura-se como um relato de experiência, de caráter descritivo, de discente do 10º período de Medicina da UNITAU após realização de estágio curricular durante o mês de julho de 2024 no Hospital Emílio Ribas, onde teve contato com os mais diversos casos de HIV, inclusive pacientes acometidos com estágios avançados de AIDS. Essa vivência permite que o acadêmico se naturalize com a doença, algo crucial, pois, o HIV/AIDS ainda carrega consigo um forte estigma social, que repercute diretamente no controle da transmissão e manejo, pois o paciente acaba se diagnosticando tardiamente e/ou não aderindo corretamente ao tratamento. O diagnóstico precoce apresenta comprovadamente inúmeros benefícios, reduz a morbimortalidade, melhora a qualidade de vida do acometido e principalmente interrompe a cadeia de transmissão,

já que pacientes em tratamento e com resposta terapêutica adequada (carga viral indetectável) não transmitem a doença. Além disso, o diagnóstico precoce é mais interessante financeiramente para o SUS que o manejo de casos de AIDS, segundo o Ministério da Saúde, sendo assim uma estratégia custo-efetiva e um dos pilares no controle da disseminação da doença. Logo, é inegável que vivenciar durante um mês a rotina do maior hospital nacional no tratamento de HIV/AIDS é uma grande aquisição na formação médica, pois, saber as principais orientações e como acolher esse paciente não é opcional na realidade brasileira, mas sim essencial para uma prática clínica ética, humanizada e alinhada às demandas de saúde pública.

Palavras-chave: Epidemia; HIV; Infectologia; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; Vírus da AIDS.